

UM ECO LABIRÍNTICO EM “POTYRA”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues¹

Resumo: O conto “Potyra”, escrito por Lygia Fagundes Telles (1923), é uma narrativa fantástica repleta de imagens simbólicas que conduzem à atualização de mitos em que se localiza o eco do mito do labirinto. Nesse sentido, o presente trabalho buscará, à luz da hermenêutica simbólica, identificar e investigar imagens que trazem o eco labiríntico, por meio dos personagens Ars Jacobjsen, estudante e Potyra, os quais reforçam esse espaço intrincado. Para tanto, apoia-se nos conceitos de Gilbert Durand, para apontar uma rede de significações que são tecidas nesse texto com relação ao mito que se pretende estudar.

Palavras-chave: Hermenêutica simbólica. Labirinto. Lygia Fagundes Telles.

AN LABYRINTHINE ECHO IN “POTYRA”, BY LYGIA FAGUNDES TELLES

Abstract: The short story “Potyra” written by Lygia Fagundes Telles (1923) is a fantastic narrative full of symbolic images that lead to the renewal of myths in which it situates the echo of the labyrinth myth. Accordingly, this work will seek, in the light of symbolic hermeneutics, to identify and investigate images that bring this labyrinthine echo, by means of the characters Ars Jacobjsen, student and Potyra, that reinforce the intricate space. So, it supports on Gilbert Durand's conception to point a network of significances that are woven into this text concerning the myth to be study.

Keywords: Symbolic hermeneutics. Labyrinth. Lygia Fagundes Telles.

O conto “Potyra” foi publicado em 2000, em uma coletânea de contos de Lygia Fagundes Telles intitulada *Invenção e Memória*. Dado o momento de sua publicação, comemoração dos 500 anos de descobrimento do Brasil pelos portugueses, “Potyra” não deixa de ser uma releitura do momento, constituindo-se em uma volta ao passado e uma reflexão sobre a dominação portuguesa. Entre as diversas imagens simbólicas espalhadas pela tessitura da linguagem literária do texto de Telles (2000), encontra-se a presença do mito do labirinto, espaço misterioso e que exige coragem de quem se aventure por ele.

Assim, pretende-se analisar o conto “Potyra” tendo como imagem principal a prisão da figura vampírica de Ars Jacobjsen, relacionando-a com o mito do labirinto. Utiliza-se a hermenêutica simbólica, que faz análise de textos, interpretando mitos, imagens, símbolos e arquétipos a eles vinculados. Nessa abordagem, recorre-se a pressupostos teóricos de Mircea

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, nível Mestrado. E-mail: letycrys@gmail.com

Eliade e Gilbert Durand.

O labirinto é uma construção arquitetônica de estrutura complexa que tem como objetivo fazer com que as pessoas se percam, consistindo em uma realidade concreta ou sugestão simbólica, cujo caminho intrincado defende um centro, que representa o acesso iniciático à imortalidade e à realidade absoluta (ELIADE, 1998). Segundo André Peyronie (1998, p. 555), existem dois tipos de labirintos: um que segue um único caminho e outro que possui múltiplas direções, o que demonstra que ele “parece pertencer ao domínio do espaço e envolver uma relação problemática com este, pode-se igualmente pretender que ele tem a ver com o tempo (o eterno retorno constituindo, nesse caso, uma figura limite)”.

Na mitologia grega, o labirinto é o espaço onde se desenvolveu a aventura de Teseu, que se ofereceu junto a um grupo de atenienses em tributo ao Minotauro, conforme imposto pelo rei Minos de Cnossos como consequência da morte de seu filho, Androgeu. O labirinto, construído por Dédalos, é o espaço aprisionador do Minotauro. Segundo a mitologia, Teseu, com a ajuda de Ariadne, conseguiu vencer a criatura e sair do labirinto, graças ao fio que ela o aconselhara a estender enquanto o percorria.

Assim, o labirinto representa um percurso iniciático, pois foi ao vencer o Minotauro e escapar da construção de Dédalos que Teseu adquiriu o estatuto de herói. Por isso, ele é um mito que exerce fascínio em diversos campos do conhecimento, em especial na literatura.

Porém, ao se falar de labirinto, não se pode desvinculá-lo dos personagens que compõem a narrativa grega. Assim, Ariadne, Teseu e Minotauro são evocados para constituir (ou construir) o próprio espaço labiríntico.

O conto de Telles (2000) é construído em torno de duas narrativas. A primeira trata do vampiro Ars Jacobjsen que está em busca de sua finitude; a segunda, da história do amor desse vampiro pela índia Potyra, que conheceu quando visitou o “Novo Mundo” descoberto pelos portugueses.

Dessa forma, ele conta os fatos que vivenciou a uma estudante, que foi chamada para o ouvir. O conto de Telles (2000) atualiza alguns mitos, como o do Jardim do Éden e o do vampiro. Este trabalho concentra-se na análise dos personagens Ars Jacobjsen, a estudante e Potyra, no intuito de elucidar o eco do mito do labirinto, espaço aprisionador que ressoa na primeira narrativa do conto.

Como já dito, ao falar-se de labirinto, deve-se também falar de personagens a ele vinculados. Encontra-se assim, na narrativa estudada, ecos das figuras de Ariadne, Teseu e Minotauro. Essas imagens são dinâmicas em relação aos personagens do conto, ligando-se,

muitas vezes, a mais de um.

A primeira figura que se faz presente é a do Minotauro. Segundo Peyronie (1998), ele nasceu das núpcias de Pasífae e do touro que deveria ter sido sacrificado em oferenda à Poseidon. Essa criatura “cuja parte superior do corpo é de touro e a inferior de homem” é um “monstro cuja aberração resulta da maneira como foi concebido. Sua pré-história é [...] tão importante quanto sua história” (PEYRONIE, 1998, p. 645).

Sua imagem é evocada num primeiro instante pela jovem estudante, que usa um sapato de couro de búfalo: “[...] via a minha juventude nos meus sapatos de estudante-andarilha, sapatos de amarrar, de couro de búfalo e que duravam este ano, o ano seguinte e ainda o outro, búfalo é fortíssimo” (TELLES, 2000, p. 101).

O búfalo cuja forma física se assemelha ao boi/touro, segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrand (2012, p. 137. Grifos do autor), é concebido, na iconografia hindu, como montaria da divindade da morte e na “seita dos Barretes amarelos –, o **Bodhisattva Manjushri**, destruidor da morte, é representado com cabeça de búfalo” e para os vietnamitas o sacrifício do búfalo “transforma-o no enviado, no intercessor da comunidade junto aos Espíritos”. O búfalo apresenta-se como uma imagem isomorfa do boi, que pode ser compreendido como símbolo da “**capacidade de trabalho e de sacrifício**”, e como montaria para os sábios na Ásia oriental (CHEVALIER; GHEERBRAND, 2012, p. 137. Grifos do autor).

No texto de Telles (2000), o sapato de couro de búfalo da estudante alerta o leitor para a questão da morte e do sacrifício. Ao Minotauro de Cnossos era oferecido um sacrifício a cada três anos, remetendo-se o búfalo à personalidade sanguinária do Minotauro.

Quando se fala em sangue, o vampiro é uma associação recorrente, o que implica em uma relação entre Ars Jacobysen e o Minotauro. Ars é uma criatura mitológica, que nasceu vampiro e, no ato de nascer, causou a morte da mãe. Dentro da mitologia, esse ser que se alimenta de sangue não é uma criatura que nasce, mas que assume a condição vampírica na perda da vida terrena. O seu nascimento, no conto de Telles (2000), é tão estranho quanto a concepção do Minotauro.

Além disso, o Minotauro, que está encerrado no labirinto, é uma criatura que se alimenta de carne humana, mesmo nas representações do século XIX e XX (PEYRONIE, 1998). Assim, esse monstro ecoa ainda mais profundamente em Ars, visto que o vampiro também se alimenta, conforme a tradição, de sangue humano.

Cabe ao personagem Cristiana, sua mãe de leite, providenciar seu alimento, e este,

após um determinado tempo, passou a ser adquirido diretamente por Ars. Esse vampiro não é feliz com sua condição, entretanto, ele é incentivado por Cristiana a alimentar sua monstruosidade. É ela quem reúne o grupo para que Ars retire seu alimento.

Na noite seguinte, [Cristiana] soprou no meu ouvido, estava à minha espera uma jovem escrava virgem. No excesso das orgias, uma ou outra dessas escravas podia morrer, ela lembrou. Mas isso fazia parte do ritual, nenhum problema, eram todas muito bem pagas (TELLES, 2000, p. 107).

O oferecimento de uma virgem em sacrifício era comum nos tempos antigos para aplacar a fúria dos deuses. No conto de Telles (2000), Ars Jacobsen não é uma divindade, porém sua natureza requer alimento adequado, assim como o Minotauro de Cnossos. O ritual do sacrifício aparece, conforme Gilbert Durand (2001), como uma síntese complexa entre a mitologia lunar, o ritual agrário e a iniciação, o que requer uma integração do tempo, “mesmo que destruidor, com participação no ciclo total das criações e das destruições” (REGINO, 2010, p. 79). Ainda segundo Sueli Maria de Oliveira Regino (2010, p. 79), o indivíduo que se sacrifica adquire direitos sobre o destino, sendo agraciado com o “dom de modificar a ordem do universo”.

Compreende-se, assim, a segunda face de Ars no conto “Potyra” – a do sacrifício. O vampiro norueguês vive em conflito com sua parte monstruosa, e, por isso, tem-se o eco de Teseu. O sacrifício dele é modelo para Ars, que precisa destruir sua face animal para alcançar a salvação.

Como no mito do labirinto, é preciso ter um Teseu, corajoso jovem, que se lança para derrotar essa criatura com a ajuda de Ariadne, filha de Minos e Pasífae. Ela, por sua vez, apaixonou-se “à primeira vista” pelo jovem e, temendo por sua vida, entregou-lhe um novelo de lã para auxiliar a encontrar o caminho de volta (PEYRONIE, 1998). A Ariadne ressoa na estudante, que oferece a Ars meios para que ele não se perdesse na sua narrativa e no tempo que possui. Ao puxar as mangas da blusa de lã, revela-se como a dona do fio condutor e salvador de Teseu.

Puxei as mangas da minha malha de lã para que os punhos chegassem até meus dedos [...] Entrelacei as mãos [...] Puxei ainda uma vez os punhos da malha para aquecer meus dedos que estavam gelado (TELLES, 2000, p. 103)

Quando a imagem da lã é suscitada, a lua também aparece, regendo o ciclo da vida. Antigamente era pelo astro que se contava a passagem do tempo, e sua evocação pela estudante remete essa imagem à do fio, pois Ars precisa cumprir seu percurso – contar sua

história, até o primeiro raiar do sol.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas, ele me fazia rir e me fazia chorar. Em vão procurei pela lua que já devia ter escorrido 'pela minha cara. Enxuguei-a no punho do casaco.

- Logo vai amanhecer, eu disse.

- Vou me apressar, escuta (TELLES, 2000, p. 110 -111)

Dada a sua submissão temporal, a Lua liga-se simbolicamente aos mitos da passagem de tempo e sua irreduzibilidade, ou seja, a morte. Entretanto, a morte, no conto de Telles (2000), é invocada a todo instante pelo vampiro Ars não com o sentido de fim trágico, mas como início de uma nova jornada, pois a “morte lunar não é definitiva”, e sim “uma promessa de luz em meio às trevas, é ao mesmo tempo morte e renovação” (REGINO, 2010, p. 78). O próprio personagem vampírico demonstra-se feliz e conhecedor dessa boa morte.

Aqui, tem-se a morte de uma parte da criatura, seu lado Minotauro, que deve ser vencido pelo seu lado Teseu – representante de sua metade heroica e digna de Potyra, por quem o herói aventura-se, na perspectiva de salvação de sua forma atormentada e aprisionada.

Referências Bibliográficas

CHEVALIER, Jean; GHEERBRAND, Alain. *Dicionário dos Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva. 26. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2012.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. 2.ed. Trad. Fernando Tomaz; Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PEYRONIE, André. Labirinto. In: BRUNEL, Pierre (Org). *Dicionário de mitos literários*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 555-581.

_____. Minotauro. In: In: BRUNEL, Pierre (Org). *Dicionário de mitos literários*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 645-650.

REGINO, Sueli M. O. Mitemas do drama agro-lunar em Comedia sin titulo de Lorca. In: *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 5. Out. 2010. p. 77-88.

TELLES, Lygia Fagundes. Potyra. In: _____. *Invenção e Memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 101-115.